

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MAIO/2007 - ANO XI - Nº 124

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

A primeira visita pastoral realizada pelo Papa Bento XVI à América aconteceu no Brasil. Foi cercada por grande simbolismo e fortes emoções. No país de maior população católica do mundo, o Papa canonizou Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro, e inaugurou a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho. Essa visita deu ânimo novo ao catolicismo brasileiro.

A Igreja Católica faz-se presente no Brasil desde seu descobrimento. Ajudou a construir o país, contribuindo sempre para a elevação espiritual, moral e social de nosso povo.

A visita do Papa Bento XVI foi marcada por efusivas manifestações de júbilo da população, que saiu às ruas para aclamá-lo e, principalmente, ouvi-lo. Essa visita serviu, também, para que os católicos brasileiros pudessem conhecer de perto aspectos humanos de sua personalidade, o que agradou a todos, surpresos com sua simplicidade, bondade e gestos afáveis demonstrados durante os cinco dias que permaneceu no país. Impressionaram sua inteligência e cultura, expressas em inúmeros pronunciamentos. Reforçou a orientação doutrinária da Igreja Católica, portadora de valores que permeiam a sociedade brasileira. Sociedade que sempre teve como núcleo básico a família. Atenção especial foi dada por ele à juventude, principalmente a mais pobre e sofrida. Mostrou-nos que não há como fortalecer valores perenes da pessoa humana sem oferecer aos jovens um futuro digno em todas suas dimensões. Para eles, o Papa falou de respeito, educação, meio ambiente, valores éticos e morais. Aos religiosos, durante a abertura da 5ª CELAM, criticou o marxismo e o capitalismo, além de responsabilizar os governos pelas desigualdades sociais, ressaltando a importância da evangelização.

Os cinco dias em que Bento XVI esteve no Brasil não foram marcados apenas por encontros com políticos, religiosos, jovens e discursos rigorosos. O Sumo Pontífice quebrou sua agenda oficial, inúmeras vezes, mostrando seu lado carismático até então desconhecido. Despediu-se deixando uma simpática imagem, afirmando ter aqui vivido momentos inesquecíveis e que guardará na memória o entusiasmo do povo brasileiro. De sua visita pastoral ficou o recado da necessidade de nova orientação à evangelização em relação à família. Agora que o Papa foi-se embora, é o momento de os católicos fazerem a lição de casa.



“Verdeje a terra com o que é verdejante, ervas que produzam sementes e árvores frutíferas que dêem suas espécies de frutos nos quais está contida a semente, por sobre a terra.” (Gênesis, 1,11-13).

O Papa e a questão ambiental

Quando o Papa Bento XVI entrou no estádio do Pacaembu, em São Paulo, na tarde de 11 de maio, para um encontro com a juventude, foi calorosamente aplaudido. Recebido por aproximadamente 40mil jovens, esbanjou carisma e simpatia. A cerimônia foi alegre e festiva. Nessa ocasião, o Sumo Pontífice fez a defesa da família, conclamou ao exercício da bondade e lembrou a importância da preservação do meio ambiente.

Antenado com as questões mundiais, o Santo Padre falou sabiamente aos jovens sobre problemas da atualidade, trazendo à reflexão a questão ecológica e a importância do engajamento de todos na busca por seu equacionamento. Surpreendeu ao pedir aos jovens: “quando cantarem que nossos bosques têm mais vida, não deixem que se apague essa chama de esperança que a bela letra do Hino Nacional de vocês sugere”.

O Brasil possui a maior floresta tropical do mundo e também a mais rica biodiversidade. O apelo do Papa está em consonância com a crescente conscientização por parte dos indivíduos e de toda a comunidade internacional acerca da necessidade de se respeitar o meio ambiente e os recursos naturais que Deus concedeu ao gênero humano. O que se espera é que essa conscientização se transforme em políticas e obras concretas. É cada vez mais importante a discussão, em todos os setores da sociedade, sobre a questão ambiental. A

Igreja Católica não pode ficar alheia a esses questionamentos que dizem respeito a todos. O aquecimento global e a consequente mudança climática e a perda da biodiversidade fazem com que todos busquem se engajar numa cruzada para salvar o planeta. O acelerado processo de degradação ambiental, fruto de ações predadoras do homem, faz com que a natureza se volte contra o próprio homem, que se esquece que o relacionamento entre os indivíduos e o meio ambiente nunca pode ser separado da relação com Deus. Quando o homem “se afasta do plano de Deus, provoca uma desordem que tem repercussões inevitáveis no restante da ordem da criação. A irresponsabilidade ecológica é, essencialmente, um problema moral fundamentado sobre um erro antropológico que se manifesta quando o homem se esquece de que a sua capacidade de transformar o mundo deve respeitar sempre o desígnio de Deus para a criação”, afirmou o saudoso João Paulo II.

Piquete é uma cidade eminentemente cristã; no entanto, constatamos uma dissociação entre o discurso e a prática de muitos que, professando uma religião que tem por base a palavra de Deus, não cumprem preceitos encontrados no livro do Gênesis, permitindo a destruição de seu meio ambiente. Que tal nos atermos às palavras de Bento XVI e recuperarmos nossas encostas e salvarmos nossos rios?

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

A devoção a Nossa Senhora Auxiliadora em Piquete foi incrementada, a partir de 1948, com a chegada das Irmãs da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora para administrarem o Hospital da FPV. Foto da década de 50.

Festas marianas

Tradicionalmente, no mês de maio, comemora-se em nossas igrejas a devoção a Nossa Senhora, conhecida sob diversos títulos e invocações. A Virgem Maria sempre foi venerada e festejada por todos os cristãos, que invocam seu socorro e auxílio nas horas de sofrimento e aflição, desde o início do cristianismo. Em Piquete, nesse mês, com o título de Nossa Senhora Auxiliadora, a Virgem Maria é merecedora de especial atenção. Essa devoção chegou à Paróquia de São Miguel no final do século XIX, trazida pelos padres salesianos, fundadores do Colégio São Joaquim, de Lorena. Por essa época não havia padre residente em Piquete, de maneira que os salesianos, uma vez por mês, vinham dar assistência espiritual aos paroquianos.

Entretanto, essa devoção a Maria tem origem no século XVI, quando a expressão “Auxiliadora dos Cristãos” foi introduzida na Ladainha de Nossa Senhora pelo Papa São Pio V, após vitória dos cristãos sobre os muçulmanos na batalha de Lepanto, em 1571. Os soldados do exército cristão, depois de receberem a Eucaristia, invocando o nome de Maria, Auxílio dos Cristãos, foram à luta. Três horas mais tarde conquistaram a vitória. Coube, porém, ao grande educador e santo Dom Bosco divulgar o culto a Nossa Senhora Auxiliadora. Colocou sua obra de sacerdote e fundador sob sua proteção e auxílio. Criou a Congregação de São Francisco de Sales, cujos sacerdotes são conhecidos como “salesianos de Dom

Bosco”, as “Filhas de Maria Auxiliadora” e os “Cooperadores Salesianos”, para leigos e sacerdotes. Foram esses missionários que espalharam pelo mundo a devoção e a celebração da festa de Nossa Senhora Auxiliadora.

Outras festas marianas são comemoradas no mês de maio: Nossa Senhora da Estrada, Nossa Senhora da Visitação, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Caravaggio, Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos... Em Piquete, o mês de maio é voltado especialmente para Nossa Senhora Auxiliadora. Essa devoção foi incrementada, a partir de 1948, com a vinda das Irmãs da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora para administrarem o Hospital da FPV. Embora as irmãs salesianas não estejam mais presentes em Piquete, deixaram como legado essa devoção e o Oratório Festivo São Domingos Sávio, na Vila Esperança. Todo ano, em maio, muitos piquetenses se recordam das antigas festas em homenagem a Maria, quando a cidade toda se mobilizava. Após a chegada do padre João Guimarães a Piquete, em 1934, houve um fortalecimento da Congregação Mariana e a criação da Pia União das Filhas de Maria, que, por décadas, foram responsáveis pelo brilho das festas. Maio iniciava-se com a matriz toda decorada com flores. Todas as noites, após culto na antiga matriz de São Miguel, formava-se um cortejo com as associações religiosas e grande número de fiéis rumo a uma casa previamente determinada, onde a

família recebia a imagem de Nossa Senhora. No dia seguinte acontecia o regresso da imagem à igreja, com o mesmo entusiasmo da véspera – cantos, foguetes e vivas à Mãe de Deus, ao som de hinos religiosos executados pela Euterpe Piquetense. No dia 24, consagrado a Maria Auxiliadora, pela manhã havia missa com cânticos e, à tarde, a solene reunião das novas Filhas de Maria e Aspirantes, todas vestidas de branco e faixa azul. De sua fundação até a extinção, as Filhas de Maria tiveram como única presidente Maria de Lourdes Ferreira, “Dona Mariquinhas”, por toda a comunidade lembrada e reverenciada. No dia 31, com grande solenidade, encerrava-se o mês de maio, com a coroação, festiva de Nossa Senhora pelas meninas da cidade.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Batistinha

Conversar com seu Batistinha, Benedicto Baptista de Oliveira, é fazer uma viagem no tempo e reviver parte da história de Piquete. Ele é guardião de um baú de histórias recheadas de bom-humor, o que lhe dá um toque especial às narrativas.

Filho de Eugênia Ribeiro de Meireles e João Batista de Oliveira, nasceu em Piquete, numa antiga casa da Av. Major Pedro, em 23 de julho de 1920. Suas melhores lembranças da cidade são do Grupo Escolar do Piquete, onde foi aluno dos professores Alcina Rodrigues, João Galvão e Leonor Guimarães. Dessa escola, recorda-se dos funcionários Arlindo de Moura e América Cunha.

Por muitos anos, Batistinha residiu no Portão da Limeira, num local conhecido como “Arraiá do Sapo”. Por essa época gostava de se aventurar pelas ruas da cidade. O antigo grupo ficava às margens do caminho para Minas. Próximo a ele, estava localizado o armazém de Mariana Relvas, o maior estabelecimento comercial da época, que contava, inclusive, com um rancho para tropas e tropeiros. “Não havia, ainda, as vilas operárias, a Praça Duque, nem o Cine Estrela... Era um pasto só, de propriedade da Dona Mariana...” Conta que a rivalidade entre a “molecada” da Vila São José e a do Piquete era grande. O armazém de Dona Mariana era o “divisor de águas” entre essas turmas. Nos sábados de aleluia, por exemplo, “era uma verdadeira guerra... eram estilingadas de mamona pra todos os lados...”

Batistinha cita Messias de Castro, Durval Benedito, Manezinho Vira e Luiz dos Santos... “Eram meus companheiros de arte nos quintais de Piquete... colher frutas neles, sem autorização dos donos, era uma delícia...” Aos domingos, a diversão era o futebol no Piquete Football Club, na entrada da cidade. Na volta, diz que passava pela casa do avô, José Sebastião, no alto da cadeia. Dele guarda agradáveis lembranças, e da enorme casa em que morava, onde, em todo 20 de janeiro, era realizada a festa de São Sebastião. “Vinha gente de todos os lugares... de gente simples até as autoridades. Tinha banda, jongo e o cateretê, que eu adorava cantar”.

De 1932, referindo-se à Revolução Constitucionalista, Batistinha diz ter uma



bonita história pra contar: “Os revoltosos tomaram a fábrica. O diretor e os oficiais ficaram presos. A cidade ficou cheia de soldados. Com o avanço das tropas federais, tivemos que fugir pra São Paulo. Fomos de trem, numa aventura... Era um povo com dor-de-barriga, um aperto... Lá em São Paulo ficamos num ringue de patinação por aproximadamente um mês. Quando voltamos, tinham comido nossas galinhas... Foi um sufoco pra recomeçar...”

Como todo bom piquetense, era fanático pelo “Estrela Futebol Clube”. Para ele, “os melhores jogadores do estado de São Paulo eram Orlando Siriri e Luiz de Barros, dois grandes amigos”.

Em 1938, alistando-se como voluntário no quartel de Lorena, lá ficou por dez meses. Em 1939, passou a trabalhar na então Fábrica de Piquete, contratado pela comissão construtora da Base Dupla. “Eram muitos operários pra essa obra... Tinha gente de todos os cantos...” Dois anos depois, foi contratado para trabalhar na “7ª Divisão, a de transportes”, onde ficou por vários anos. Na fábrica, passou, ainda, pelo centro telefônico. Depois foi para a granja, onde aprendeu diversos ofícios, e se aposentou, em 1964. Trabalhou, então, por 16 anos na

Cooperativa de Consumo de Piquete.

Casado há 63 anos com Odete Ferreira de Castro, que conheceu “ainda menina”, quando era sua vizinha no Portão da Limeira, tiveram quatro filhos, treze netos e dez bisnetos. Hoje, o casal é exemplo de harmonia de vida conjugal. O amor e a cumplicidade são visíveis quando se está na companhia dos dois. A receita da longevidade? Batistinha responde sem pensar: muito amor e otimismo.

Piquete e Barra do Chapéu: semelhanças e diferenças

Piquete e Barra do Chapéu são duas cidades do interior do estado de São Paulo situadas em Vales. As semelhanças param por aí. No mais, tudo são diferenças.

Piquete, a Cidade Paisagem, localiza-se numa das regiões mais ricas do Estado – o Vale do Paraíba –, e está a 200km da capital. Barra do Chapéu está localizada no Vale do Ribeira, região mais pobre do Estado, e sua distância da capital é de 370km.

Em Barra do Chapéu, somente 24 ruas são calçadas e a renda do município está baseada na agricultura. Piquete, com muitas ruas calçadas, tem na indústria a principal fonte econômica.

As poucas semelhanças e as muitas diferenças não nos permitem afirmar que um município seja melhor do que outro. Mas, os dados revelados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nos obrigam a ser mais prudentes na nossa avaliação. Piquete, no que diz respeito ao indicador de qualidade da educação medido pelo IDEB, numa escala de 0 a 10, atingiu a nota 4,7. Barra do Chapéu, 6,7.

Pela projeção do IDEB, somente em 2021 Piquete atingirá a nota de Barra do Chapéu. Ou seja, Piquete, em relação à até então desconhecida cidade, possui um atraso de 14 anos – tempo suficiente para que um aluno curse toda a Educação Básica. Isso sim é uma larga diferença. Inaceitável e intolerável.

Como em educação não há milagres, Piquete precisa se mobilizar para reverter esse quadro. A partir dos resultados do IDEB, tem-se a expectativa de que tanto a administração pública como a sociedade não esperem que a solução seja mágica ou caia do céu. É preciso traçar metas e planos de ação imediatos. Qualificação do professor, remuneração digna, rigor na aplicação de recursos, estratégias de avaliação permanente e compromisso social compartilhado são o ponto de partida para a superação da projeção nada otimista da educação de Piquete. Por enquanto, tiremos o chapéu para a pequena cidade do Vale do Ribeira e a vejamos como um bom exemplo.

A receita deles? Acompanhamento integral dos alunos, turmas pequenas, serviço de reforço, tira-dúvidas e investimento em leitura e escrita. Soluções simples, porém, eficientes.

Laura Chaves

Na Granja São Miguel, da FPV, Batistinha (3º da dir/esq) aposentou-se, em 1964, com o cargo de encarregado geral.



Qual o significado do 13 de maio?

A comunidade negra tradicional habitante da Raia, bairro de sua concentração na área urbana piquetense, manteve por muito tempo a comemoração do 13 de maio como data magna, para lembrar a Lei Áurea. Lei que concluiu, do ponto de vista jurídico, a questão abolicionista pela libertação dos que ainda estavam sob o jugo institucional do pertencimento a um proprietário e vinculados a um trabalho na área rural ou urbana, ou mesmo, no âmbito doméstico, como serviçais.

Falar, entretanto, dessa libertação é lembrar que as leis abolicionistas, de fato, contribuíram para maior marginalização dos negros que, muitas vezes, desligados de seus proprietários, ficavam abandonados à própria sorte, perambulando pelas ruas, à mercê, ou seja, à espera de uma tutela.

Quando os laços familiares prevaleceram, alguns permaneceram nos domicílios de origem, protegidos, mas dependentes, para realizar trabalhos; portanto, não remunerados, mas sobretudo apoiados em uma suposta afeição – a da babá, da ama de leite, dos “afilhados” dos patrões. Relação que vinha sendo constituída havia muito tempo e que pode ser comprovada nos livros de registros paroquiais. Nestes, é freqüente que os patrões ou seus filhos batizassem um filho ou filha de escravos, o que garantia uma continuidade de permanência e num apaziguamento de conflitos, revelado, às vezes, por bens deixados em testamento. De outro lado, mantidos na casa, continuavam trabalhadores livres, mas não remunerados, para apoiar as famílias às quais se vinculavam, podendo manifestar-se em suas danças nas datas de eventos públicos e expressarem o que se convencionou chamar cultura de raízes. Assim, a dança do jongo, os moçambiques, as congadas... Aprendendo a pensar como brancos, desejando “branquear-se” e ajustar-se a uma idéia de dependência amistosamente compartilhada nos quitutes e quitandas, nas comemorações das festas do 13 de maio, quando se promoviam bailes e os familiares se reuniam para homenagear a data, soltar fogos e admitir que o costume havia consagrado a prática da submissão. Nas cozinhas, a sociabilidade travestida no uso da mão-de-obra garantia essa prática.

Hoje, o 13 de maio é menos comemorado e a chamada consciência negra procura reverter o antigo quadro para mostrar o avesso dessa ação comemorativa. Empenha-se em demonstrar que o lugar da comunidade negra deve ser preservado pelo reconhecimento mais lúdico de seu lugar na sociedade, reconhecidos os seus direitos de uma esperada igualdade no tratamento.

Entretanto, as estatísticas mostram que entre os presos, os pobres e os marginalizados, o contingente negro é destacado e mantido sob os estereótipos marcadores de

Fotos Arquivo Pró-Memória



uma democracia racial que não existe. Tudo em nome de uma “cordialidade” que aflora quando se prenuncia qualquer atitude crítica, não aceitando que, sob a invocação de uma resposta ao longo período de subjugação e tortura, os negros possam manifestar seu descontentamento. E isto de maneira particular, quando a violência é presente, pela banalização do mal largamente demonstrado como espetáculo, ou reação à exigir “direitos” como cotas de acesso à universidade. Principalmente quando o despertar da consciência seja realizado não propriamente como um ato de perdão, mas, de rebeldia, traduzida pela violência. E se o cultivo de uma manifestação cultural de raiz se expressa pelo jongo, por exemplo, famílias miscigenadas atribuem, pelo viés convencionado na tradição das elites, a idéia de que essas manifestações se ligam às magias condenadas, como a macumba ou o canjerê. Desprezados pelos supostos brancos ou por eles ignorados, tendem a abrir um espaço irreconhecido como de direito, ainda que sob disfarce...

Daí não ser, sem muitos motivos, a celeuma que se estabeleceu quando a ministra Matilde Ribeiro, nas funções de secretária das Políticas de Promoção da Igualdade Racial, em entrevista à BBC Brasil provocou polêmicas considerando “natural” (depois corrigindo para “explicável”) a reação dos negros contra brancos ao comentar ocorrências criminosas em Brasília, por parte de estudantes universitários... Suas considerações foram atribuídas como “racistas”, principalmente por acadêmicos ligados à área dos estudos de gênero e cor, ao que ela enfaticamente tem repetido na Seppir, órgão que coordena: “não falamos de racialização, mas de igualdade”. Afinal, diz que “após a abolição, a nova ordem não incluiu os negros como cidadãos”.

Por outro lado, o reconhecimento das chamadas questões de racismo tem provocado análises de várias ordens e fontes em muitos embates. Vão dos comentários sobre estereótipos e preconceitos aos perigosos desvios que um tratamento das questões culturais pode provocar. Se o termo raça é uma construção social a serviço de uma idéia hierarquizante de valores, o uso indiscriminado de ações de políticas públicas compensatórias conformadoras reforçam a ilusória noção de “democracia racial”.

No bojo de tantas referências à questão do tráfico de escravos e suas implicações, observações genéticas estão sendo promovidas para o reconhecimento do DNA dos grupos de africanos que mais alimentaram esse tráfico. Um capítulo a mais para ser investigado.

Preliminarmente, a pesquisa está mostrando os componentes percentuais de origem africana nas diferentes regiões geográficas brasileiras. O que nos leva a considerar que a África é um grande continente em área e em diferenças de povos, línguas e costumes. Portanto, não existe uma só África e um só africano.

Por sua vez, o africano negro que chegou ao Brasil não deve ser visto como uma mercadoria, mas portador de uma cultura, de uma tradição deformada a partir de uma lógica que se transformou num princípio de submissão mantido como uma única forma de interpretar esse contato.

Assim, o continente africano, se não totalmente, mas em diferentes regiões, quer da costa oriental, quer da ocidental, ficou rotulado como mero fornecedor de escravos. Não sem deixar de lado as referências estereotipadas que acompanham as “interpretações” costumeiras a exigir uma reinterpretação. E nesse campo, as generalizações são perigosas, assim como a representação de “exotismo” como “novidade e espetáculo”, como referenciadores de elementos culturais fundamentais como as danças – o jongo, para usar uma manifestação no momento valorizada como “folclore” a ser incluído nos eventos do calendário de lazer. O elemento cultural aí contido é mais do que isso; é uma tradição cultural passada por gerações para fixar valores transmitidos por ancestrais e antepassados – forças vivas na formação de um povo, com função social e comunitária. O ritual tem essa função. A dança do jongo, portanto, ritualiza uma cosmogonia, como cimento cultural coesivo. Guarda a simbologia que comporta como mensagem mais do que apenas corporal. Tem caráter assimilativo. Daí a idéia de resistência aí contida.

Dóli de Castro Ferreira

Fotos Arquivo Pró-Memória



À direita, grupo em visita ao viveiro de mudas, um dos produtos do projeto encerrado pela FCR. À esquerda, a auditora externa, arquiteta Júlia Meireles, que conduziu os trabalhos do Seminário.

FCR conclui projeto de revegetação

A Fundação Christiano Rosa (FCR) encerrou, com um Seminário de Avaliação, no dia 12 de maio, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, o projeto **“Revegetação de áreas ribeirinhas das microbacias hidrográficas do Tabuleta e Bemfica – Piquete/SP”**.

A avaliação foi conduzida pela arquiteta Júlia Meireles, auditora externa. Os produtos e metas desenvolvidos foram avaliados por pessoas que participaram das atividades desenvolvidas ao longo do projeto. Foram apresentados, um a um, os resultados de

todos os produtos desenvolvidos. Essa avaliação é o produto final constante do contrato firmado com o FEHIDRO, órgão financiador do projeto.

A FCR encaminhará ao agente técnico responsável pelo acompanhamento dos resultados as conclusões da avaliação, e, assim, encerrará mais um de seus projetos, com a certeza de ter atingido os objetivos propostos. Acredita, também, que muito contribuiu para o conhecimento e preservação de nosso meio ambiente.

Leiloando lembranças...

Quem quer comprar lembranças? Tenho muitas, e as ofereço em promoção. Preços reduzidíssimos! Às vezes, até de graça!

Façam seus lances e as recordações virão em turbilhão para minorar as saudades do Piquete de outrora.

Primeira oferta: Passagem para Lorena no trem das 10h30min, com retorno às 16horas. O apito da “maria-fumaça” fumegando na curva da estrada... Inesquecível!

Quanto me dão? Pelas sessões no “Cine Estrela” nas domingueiras, para rir com Jerry Lewis, Bob Hope, ou para viver aventuras com Tarzan, talvez um cowboy bem agitado com tiros e sopapos, estrelando John Wayne, Gary Cooper. E ainda ofereço (de graça) um cartucho de pipoca do Seu Geraldo.

Façam seus lances...

Um pião rodando no chão... Jogo de pinhão na calçada... Brincadeira de roda... Com quem está o anel? A alegria do moleque empinando papagaio...

Está à venda a lembrança das peladas dos garotos nos fins de tarde, num campinho improvisado. Os pés ficavam arrebitados!

Também estou leiloando as partidas de futebol animando o domingo dos torcedores fanáticos – Hepacaré X Estrela. Façam seus lances!...

Nhá Chica Barbosa fazia preces. Soltava fumaça do seu cachimbo e implorava aos santos de sua devoção a vitória para o “Estrela”. E como rezava!

Os heróis de minha infância também estão em leilão: Mandrake, o mágico, as traquinagens do marinheiro Popeye, Luluzinha e Bolinha, Pato Donald e outros.

E as festas juninas no largo da pracinha?

Mastro erguido reverenciando os santos do mês: Santo Antônio, São João e São Pedro! Quadrilha, fogueira fagulhante, quentão, bombinhas e lágrimas coloridas dos pistolões...

Quanto valem essas lembranças? Quanto me dão?

Não dá para esquecer. Mas, não é saudade. Concordo com Rachel de Queiroz quando expressa: “Saudade é sensação de perda, mas sinto que nada perdi. Gastei, gastei tempo, emoções, corpo e alma. E gastar não é perder, é usar até consumir”. O resto são lembranças.

As festas natalinas. Encantadoras!

Os natais piquetenses atraíam pessoas das diversas cidades vizinhas. Papai Noel generoso! Presentes e mais presentes. Música, alegria, guloseimas, presépio. Religiosidade.

Bem no fundo da memória, o mês de maio. Coração de Nossa Senhora. A centenária igreja de São Miguel enfeitada com flores de papel crepom. Incenso exalando no ar...

Façam seus lances, senhores.

Quem poderá esquecer os intensos momentos de fé vividos nas procissões de Nossa Senhora Auxiliadora, organizadas com zelo e carinho pela Irmãzinhas que se dedicavam a tratar dos enfermos no Hospital?

Não critique, não zombe, jovem leitor, destas lembranças. Elas estão dentro de mim. Dentro de muitos piquetenses. Caminham conosco por toda parte. Fazem pulsar mais forte nosso coração.

Considero uma bênção e um privilégio estas evocações, esse passado vencido por muitos companheiros de caminhada.

Eunice Fernandes

Dona de Casa

Nesta minha longa jornada pela vida, tenho encontrado muita resistência às minhas idéias. Muitas de minhas opiniões são consideradas esdrúxulas. E há mesmo quem duvide de minha sanidade mental.

Hoje, finalmente, ninguém vai discordar de mim. Posso declarar aos quatro ventos sem receio de ouvidos moucos e narizes torcidos:

Uma dona-de-casa competente e bem-humorada é a mais perfeita obra da natureza. É uma criatura quase mágica. Só Deus, em dia de grande inspiração, pode ter projetado, executado e patenteado um ser com tantas habilidades.

Só ela sabe onde o marido azafamado colocou os documentos do carro. Só ela entende que aquele papel amarrotado é a tarefa escolar do filho. Apenas e tão-somente ela consegue descobrir um gibizinho que vai consolar o filho da vizinha amarrado à cama com a perna engessada.

Segunda-feira, depois de um fim de semana chuvoso. A farda, o macacão ou o jaleco do marido está em perfeitas condições sobre a guarda da cadeira. Os uniformes das crianças, esticados na cama, parecem recém-chegados da loja.

Enxerga a sujeira da orelha de um. Sente o cheiro esquisito do gel do cabelo de outro, incrementado com o perfume da irmã. Percebe que o caçula talvez precise de um vermífugo – é bom marcar uma consulta.

Às refeições, a grande façanha. Verificar quem está comendo o quê e deixando de comer o quê. E esticar o olho para garantir que o marido não esqueceu a recomendação do médico e está exagerando na compota de caju.

Hora do estudo das crianças: cubo de 2, Pedro Teixeira, Bartolomeu Bueno, 7x8, sólido, líquido e gasoso.

E na hora de dormir:

Em nome do Pai, do Filho e... Não se preocupe! O Espírito Santo já está a postos.

Abigayl Lea da Silva



Crônicas Pitorescas

Pequena, mas ordinária...

Palmyro Masiero

Tem gente às carradas reclamando de só levar na cabeça. Cidadãos sendo passados pra trás a todo instante...

Filosofando sobre o assunto dos papos, concluímos que, no fundo, o problema todo consiste em uma pequena palavrinha: grátis. Vamos discorrer um pouco sobre ela? Não custa nada!

Como surgiram estas seis letras que, reunidas, conseguiram dividir a humanidade em duas partes diferentes quanto ao tipo de pessoas? Etimologizando a dissílaba aludida, verifica-se, de cara, que é estrangeira (o que, nesta terra, não é novidade!). Algum ermitão a teria criado ou ela surgiu assim, assim..?! Dela advir do latim, não explica muita coisa... nem elucida como e por que surgiu...

Vamos retroagir profundamente no tempo... Não vamos jogar a culpa no coitado do Adão, que, afinal de contas, deu nomes convenientes aos animais domésticos e selváticos, e às aves... Mas não tem a menor justificativa pra inventar esse termo... Viva numa boa... Mas... Olha aí uma luz... Dentro da gênese humana pode estar não a invenção da palavra, mas de seu significado... Quem foi que provocou esta tremenda barafunda neste mundão de Deus? Não foi ela, a danada daquela serpente astuta que jogou pra lateral do Paraíso o Adão e a Eva? Não foi a bandida que tentou a inocente Eva, oferecendo-lhe, gratuitamente, um reinado, de cuja mentira até nós, que não temos nada com o peixe, estamos hoje comendo o pão que o diabo amassou?

E como conseguiu esse advério tão pequeno dividir a humanidade em duas castas? Simples. Surgiram a classe dos sabidos e a dos trouxas, ou, por analogia, a das serpentes e a dos inocentes ambiciosos...

A verdade é que o grátis carrega sempre consigo uma segunda intenção. E dos dois

lados. Poderíamos até jogar nesta colocação em forma de epigrama:

Quem é sabido é serpente

Quem é bobo, inocente.

Aquele é tido um finório

Este, lobo, um simplório.

Aí está a coisa exposta. Na classe das serpentes existem os espertos, astutos, velhacos, matreiros, assim como os safados, desavergonhados, corruptos, procazes, ladrões. Identicamente, encontram-se no bloco dos trouxas aqueles que, dissimulados, pensam levar vantagens, primazias, lucros, passar rasteira... Enfim, ganhar na moleza. Tem os inocentes, simples, ingênuos, e, finalmente, os idiotas, estúpidos e imbecis. As duas classes adoram o vocábulo “grátis”. A segunda, a dos tolos, acredita na honestidade dos da primeira e entra bem. A primeira, a dos sabidos, usufrui da fé dos da segunda e entram muito bem... no bolso dos otários!

A primeira classe, por ser sabida, conseguiu mascarar, adereçar, dar novas vestes à palavrinha que continua, contudo, com a mesma intenção. Temos por aí os contos do vigário, do bilhete premiado, dos cheques, e muitos outros... temos os “pegue três e pague dois”, os “compre isso e leve aquilo de presente”, as entradas francas com saídas de doer, os carnês, as diversas loterias e, pela capacidade criativa daquela elite, os processos de embuste são incontáveis...

Pode ser que a palavrinha grátis tenha sido criada com a melhor das intenções. Mas virou malandra, cretina, ilusória, demagógica, enganadora, uma piranhona de primeira. No duro mesmo, virou sem-vergonha!

Até nós, agora, estamos em dúvida se esta crônica que pretendia fazer graça, foi de graça! Pela atenção, “muchas gracias”!

João-de-barro

“Quando o João-de-barro e a Maria-de-barro se unem, é para sempre. Quando morre o companheiro, um deles passa o resto da vida só”.

Arquiteto excelente.

Seu ninho feito de barro amassado, vegetal e esterco, abobadado, demonstra sua destreza como operário bucólico.

O João-de-barro habita campos com vegetações espessas.

Entre galhos de árvores, estrategicamente contra intempéries, edifica sua casa. Porém, gosta mesmo dos postes elétricos e telefônicos que atravessam roças, sítios e fazendas, como se quisesse ter contato com o mundo.

O João-de-barro deve ter copiado os ingredientes da massa de alguma receita. A casa de pau-a-pique onde os caboclos moram, os ingredientes da massa, pouco diferem da dele. Os índios sim, aprenderam com ele a feitura da panela de barro.

O homem, quando consegue sua moradia, fica alegre, amparado, e livra-se das dívidas do aluguel. O João-de-barro e a Maria-de-barro, quando constroem a sua, avisam a todos da cercania, com seus cantos estridentes, como risos e gargalhadas, que a moradia está pronta, e ali vai viver um casal inseparável, como se soubessem que são bem-vindos e bem-vistos.

Como em tudo, também se revezam no difícil trabalho de incubação dos ovos e alimentação dos joezinhos-de-barro.

Certa vez, um curupira ia passando com passos apressados sob a casa do João-de-barro, e ele, lá de cima do teto, perguntou-lhe: – Eh, curupira, que pressa é esta?

– Ah, seu João, tem caçadores querendo me pegar. Como não sou nada bobo, eles pensam que fui pra lá, mas estou vindo pra cá. Sabe como é: meus calcanhares ficam para frente.

O curupira de cabelos cor de fogo, pele escura e dentes verdes saiu gritando como se fosse humano e perdeu-se campo a fora.

O João-de-barro, contente com a esperteza do fantástico companheiro, batendo as asas, pôs-se a cantar com forte voz.

Edival da Silva Castro

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo

(19/08/1849 - 17/01/1910)



Sobre a escravidão escreveu: “Todos os crimes que a imaginação pode conceber, desde o lançamento ao mar de centenas de homens vivos, até a morte, no porão, por asfixia, de outros tantos desgraçados, tudo cai como uma responsabilidade enorme de sangue sobre nossa cabeça. Não temos na humanidade, a Inquisição excetuada, nenhum crime tão complexo.”



Acesse, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Santo Antônio de Sant'Anna Galvão

O maior país católico do mundo, apesar da população tão devota a seus protetores, só agora passou a contar com um santo genuinamente nacional. A canonização de Frei Galvão pelo Papa Bento XVI, em São Paulo, na manhã do dia 15 de maio, serve de incremento, injetando ânimo novo no catolicismo brasileiro.

Filho de um capitão-mor e comerciante, Antônio Galvão de França nasceu em Guaratinguetá, em 1739. Aos treze anos, foi enviado por seus pais para estudar no Seminário dos Jesuítas de Belém, em Cachoeira, na Bahia. Por causa da expulsão dos inicianos, devido às perseguições impostas pelo Marquês de Pombal, mudou de ordem religiosa. Aos vinte e um anos de idade, no início de 1760, entrou para o noviciado da Ordem dos Frades Menores, no convento franciscano de São Boaventura de Macacu, na capitania do Rio de Janeiro. Obedecendo à legislação canônica, três dias após sua chegada tomou o hábito da nova ordem, abandonando o apelido Galvão de França, para tornar-se Antônio de Sant'Anna Galvão, em homenagem à padroeira de sua família. Em 1762, já sacerdote, foi transferido para São Paulo, para o convento de São Francisco, onde aperfeiçoou seus estudos de filosofia e teologia. Na cidade, foi nomeado pregador e confessor, pois tinha grande capacidade de comunicação com os fiéis. Tornou-se um dos confessores mais requisitados da região. Seus sermões também eram disputados. Bondade e caridade eram suas características marcantes. Como confessor de irmãs religiosas, acabou convencido da necessidade de uma casa para essas mulheres. Nascia a idéia do Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Divina Providência (Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz), que teve como idealizadora a Madre Helena Maria do Espírito Santo. Apesar de querido pelos fiéis, Frei Galvão sofreu restrições políticas. Em 1780, o Capitão General Martin Lopes Lobo e Saldanha, governador da capitania, o

expulsou de São Paulo porque o religioso defendeu publicamente um soldado que havia sido condenado à morte. A expulsão foi revogada depois que o povo se levantou, em alvoroço ameaçador, cercando a casa do governador e exigindo a revogação do

Reprodução



mandado, a qual aconteceu no dia seguinte à revolta. Anos antes, Frei Galvão já havia se defendido do Marquês de Pombal, ao chamar de “Recolhimento” o convento que estava construindo: depois que Pombal expulsou os jesuítas do país, ele continuava a perseguir a Igreja, com restrições às ordens monásticas. E Frei Galvão achou melhor chamar o local simplesmente de “Recolhimento”, e as “recolhidas” tomaram o hábito da Conceição, não emitindo, no entanto, votos de pobreza, obediência, castidade e clausura. Isso não impediu que, em 1775, o mesmo governador Saldanha determinasse o fechamento do local. A proibição foi revertida em um mês por ordem do Marquês de Lavragio, então vice-rei do Brasil.

Quatorze anos se passaram até que o convento ficasse pronto, e outros quatorze

para que a igreja fosse inaugurada, em 1802. Frei Galvão foi arquiteto, mestre de obras, servente e carpinteiro – assumiu o trabalho braçal ao lado de escravos cedidos por diversas famílias para a construção. A técnica aplicada – a taipa de pilão –, exigia muita mão-de-obra. A fim de levantar fundos para a construção do convento, Frei Galvão teve que percorrer a capitania. Nessa penosa missão, percorreu a pé, pois as regras da Ordem Franciscana proibiam que se servisse de cavalos, toda a região de Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Taubaté, Guaratinguetá e outras localidades.

Inaugurado o convento, continuou Frei Galvão no desempenho de seus encargos religiosos. Percorreu o interior de São Paulo como Visitador, delegado pelo Provincial. Em 1811, recebeu do vigário geral do bispado uma de suas mais importantes incumbências: acompanhar três religiosas do Convento da Luz a Sorocaba, estabelecendo os fundamentos e direção do novo Recolhimento de Santa Clara. Permaneceu durante onze meses em Sorocaba assistindo à instalação da nova comunidade. Regressou a São Paulo, fisicamente esgotado. Era-lhe penoso o trajeto diário do Convento de São Francisco até a Luz, pelo que seus superiores lhe deram licença para residir neste último. Ali escolheu como aposento um estreito cantinho no fundo da igreja, ocupado por um leito de taipa. Passou os três últimos anos de sua existência acamado. Em seu humilde alojamento, recebia amigos, fiéis e todos os que precisavam de seus conselhos.

No dia 23 de dezembro de 1822, assistido por religiosos, faleceu Frei Galvão, com todos os sacramentos, e contando 84 anos incompletos. O fato teve imensa repercussão em São Paulo. O corpo ficou exposto à visitação públicas. Deveria ter sido sepultado no Convento de São Francisco, porém, as irmãs e os moradores do Bairro da Luz requereram ao bispo D. Matheus a graça de o sepultar no centro da igreja do Convento da Luz, em frente ao altar-mor.

As pílulas de Frei Galvão

Uma famosa relíquia ligada ao nosso primeiro santo é a “pílula de Frei Galvão”. Nas origens populares dessa crença está um pedido de auxílio feito ao frade. Em suas andanças, surgiu a inspiração para suas famosas pílulas: um homem procurou Frei Galvão para pedir socorro espiritual para sua esposa, que estava morrendo no trabalho de parto. Segundo a tradição, o Frei deu ao homem três papeizinhos com inscrições do Ofício da Virgem – Post partum Virgo Inviolata permansiste: Dei Genitrix intercede pro nobis (Depois do parto, ó Virgem, permanecestes intacta:

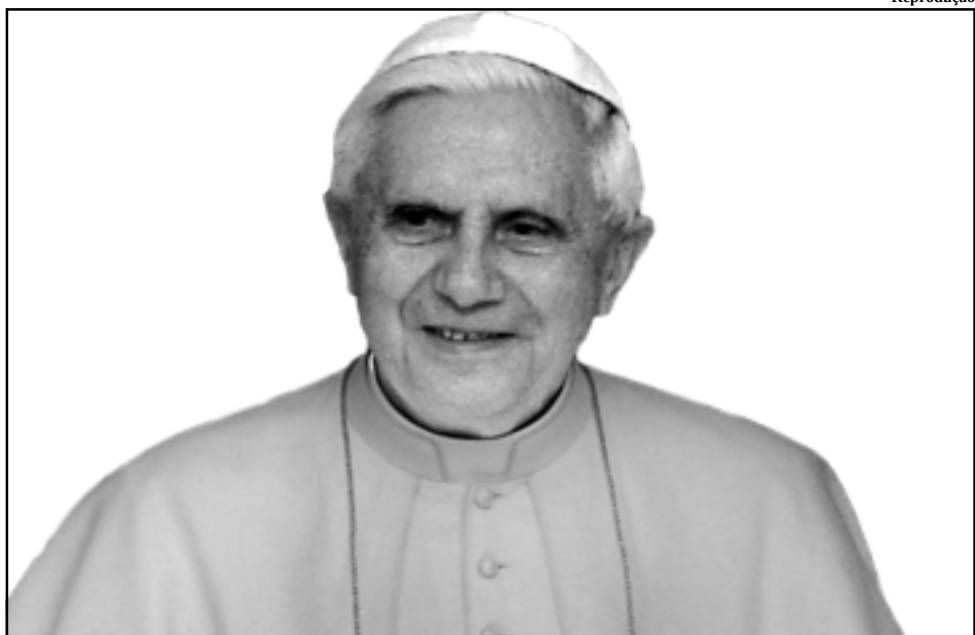
Mãe de Deus, intercedei por nós). Após ingerir os papeizinhos, a parturiente deu à luz sem maiores problemas. A partir desta história, difundiu-se a crença em milagres atribuídos à ingestão das “pílulas”.

As pílulas também estão por trás dos dois milagres que levaram o religioso à beatificação e à canonização. Uma cura de 1990 rendeu a Frei Galvão o título de beato. Oito anos depois, em 1999, novo relato legitimou a canonização. Ambos os milagres, portanto, ocorreram mais de 150 anos após sua morte. As pílulas ainda são produzidas e distribuídas gratuitamente. Em vida, o

sacerdote teria ensinado às freiras que viviam com ele no recolhimento a forma correta de produzi-las. Os ensinamentos foram repassados e a tradição se manteve no Mosteiro da Luz.

Outros mosteiros do interior de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, além da irmandade de Frei Galvão, em Guaratinguetá, passaram a fazer as pílulas. O processo é trabalhoso: as orações são escritas em tiras de papel, que são enroladas em forma de canudo. Com uma tesoura, corta-se o canudo em canudinhos menores.

Reprodução



Para que nossos povos tenham vida

A visita do Papa Bento XVI ao Brasil marca a abertura da 5ª Conferência Episcopal da América Latina e do Caribe (CELAM).

A primeira CELAM aconteceu no Rio de Janeiro, em julho de 1955, anterior ao Vaticano II. Essa Conferência tratou de problemas internos da Igreja, como a escassez de vocações sacerdotais, a necessidade da formação religiosa do povo, a preservação e a defesa da fé católica. Ela teve como mérito a articulação do episcopado latino-americano, sendo fundado, sob a bênção de Pio XII, o organismo eclesial CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano), que daria um rosto próprio à Igreja da América Latina.

Em 1968, na cidade colombiana de Medellín, ocorreu a segunda Conferência, que julgo ter sido a mais relevante para nossas Igrejas locais. Houve, em Medellín, um grande esforço por atualizar, na América Latina, as propostas do Vaticano II. Segundo o Concílio, a Igreja deveria estar atenta aos sinais dos tempos, aos fatos da História; em resposta a esta ordem, surge, a partir de Medellín, a Teologia da Libertação, a qual apregoa que, num continente marcado por exclusões e diferenças sociais, por opressões e miséria, não se pode anunciar o Reino de Deus sem trabalhar para que ele seja uma realidade na vida dos povos. A Igreja precisa colocar-se ao lado do povo e fomentar a luta para que a liberdade, a justiça, a igualdade e a partilha dos bens necessários à vida se efetivem em nosso continente, garantindo a dignidade de todos os homens e mulheres que aqui habitam.

A terceira conferência realizou-se em Puebla, no México, em 1979, no início do pontificado de João Paulo II. Foi uma continuidade e aprofundamento das conclusões de Medellín. Teve como ponto forte a solene afirmação de que a Igreja de nosso continente deve ter uma “opção preferencial pelos pobres firme e

irrevogável”, para que sua evangelização seja eficaz e transformadora como a de Jesus.

Por ocasião dos 500 anos de evangelização da América Latina, em 1992, inaugurava-se a 4ª CELAM, na cidade de Santo Domingo, na República Dominicana. Nessa Conferência houve um esforço da Santa Sé em reverter o processo de autonomia teológica da Igreja latino-americana manifesta pela Teologia da Libertação. Segundo Dom Aloísio Lorscheider, na introdução que fez aos documentos do CELAM, publicados num compêndio pela Editora Paulus, essa Conferência, bem como o documento dela originado, foi muito confusa e trouxe poucas contribuições, sendo a mais importante delas a orientação de que a mensagem do Evangelho precisa ser inculturada, respeitando-se a diversidade dos povos e a riqueza de suas culturas e tradições. Assim, conservando sua mensagem, o cristianismo pode expressar-se de maneiras diversificadas.

As quatro conferências episcopais realizadas na América Latina tiveram, cada qual, sua importância, e iluminaram a Igreja em sua missão de promover a vida dos povos de Deus neste continente.

Desejamos que a conferência de Aparecida, a qual tem em seu tema a frase “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos tenham vida”, ajude a Igreja de nosso continente a continuar sua caminhada de discipulado de Jesus, que, segundo Lc. 4, 18-19, foi ungido e enviado para anunciar a boa nova aos pobres, proclamar a libertação aos cativos, libertar os oprimidos e anunciar um ano de graça do Senhor, o início de um tempo novo, um tempo de vida. Que sendo discípula verdadeira e fiel a Jesus e ao seu projeto de construção de um mundo novo, a Igreja possa continuar sua missão, trabalhando para que, de fato, nossos povos tenham vida.

Pe. Fabrício Beckmann

Notas da Cidade

✓ **Exposição de Artes Plásticas**

A Fundação Christiano Rosa estará promovendo, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, uma exposição de obras de **Taninha Chaves** e **Cléo Lajóia**. O vernissage acontecerá no dia 26 de maio, a partir das 20h, e a exposição ficará aberta entre os dias 27 de maio e 02 de junho, das 17h às 21h.

Compareçam e apreciem os trabalhos dessas duas grandes artistas plásticas.

✓ **“Evocações Piquetenses”**

Em junho acontecerá o lançamento de mais um livro de Wanderley Sardinha. “Evocações Piquetenses” é o sexto livro do autor, um piquetense apaixonado por sua terra natal. O evento acontecerá no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, no dia 29, a partir das 20h. Compareçam!

✓ **Torneio de Judô**

A Associação de Judô de Piquete está organizando o Torneio de Judô “Aniversário de Piquete”, que acontecerá no dia 17 de junho. Já tradicional no calendário de comemorações do aniversário do município, o torneio reúne atletas do Vale do Paraíba, Sul de Minas e região bragantina. O evento acontecerá a partir das 9h, na quadra de esportes municipal, na entrada da cidade.

✓ **Cartões Postais da Usina Hidrelétrica**

No dia 17 de maio foi lançada, em cerimônia no Cassino da Vila Militar “Estrela do Norte”, uma coleção de postais sobre o Memorial da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves. O evento contou com a presença do vice-presidente da IMBEL, gen. Álvaro Henrique Vianna de Moraes, do superintendente da FPM, gen. Fernando Velloso Manguinho, do cel. Wanderley Sardinha, além de colaboradores da FPM.

✓ **FCR recebe alunos do CBH-PS**

A FCR recebeu, no dia 20 de maio, um grupo de cinquenta profissionais e alunos da UNITAU, todos do curso de Educação Ambiental ministrado pela Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS). O curso é composto por oito módulos, tendo sido o primeiro realizado em Piquete, com organização da FCR.

Durante o período da manhã, o grupo teve aula com o secretário executivo do CBH-PS, biólogo Edilson de Paula Andrade, e palestra com o Diretor Executivo da FCR, Antônio Carlos Monteiro Chaves, sobre a ocupação histórica da região e a importância do fragmento de Mata Atlântica da IMBEL/FPV, que visitaram sob orientação do presidente da FCR, Paulo Noia de Miranda. À tarde, a presidente do Conselho Curador da FCR, Ana Maria de Gouvêa, proferiu palestras sobre Corredores de Conectividade, Financiamento de Projetos Ambientais e o colegiado CEIVAP.